



A Santa Sé

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA COM OS MEMBROS DA PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

*Capela Paulina do Palácio Apostólico do Vaticano
Quinta-feira, 15 de Abril de 2010*

Queridos irmãos e irmãs!

Não encontrei o tempo de preparar uma verdadeira homilia. Mas gostaria de convidar cada um à meditação pessoal, propondo e realçando algumas frases da Liturgia hodierna, que se oferecem ao diálogo orante entre nós e a Palavra de Deus. A palavra, a frase que gostaria de propor à meditação comum é esta grande afirmação de São Pedro: "Importa mais obedecer a Deus do que aos homens" (*Act 5, 29*). São Pedro está diante da suprema instituição religiosa, à qual normalmente se deveria obedecer, mas Deus está acima desta instituição e Deus conferiu-lhe outro "ordenamento": deve obedecer a Deus. A obediência a Deus é a liberdade, a obediência a Deus dá-lhe a liberdade de se opor à instituição.

E aqui os exegetas chamam a nossa atenção para o facto de que a resposta de São Pedro no Sinédrio é quase *ad verbum* idêntica à resposta de Sócrates ao juízo no tribunal de Atenas. O tribunal oferece-lhe a liberdade, a libertação, porém com a condição de que não continue a procurar Deus. Mas procurar Deus, a busca de Deus é para ele uma ordem superior, vem do próprio Deus. E uma liberdade comprada com a renúncia ao caminho para Deus já não seria liberdade. Portanto, não deve obedecer a estes juízos – não deve comprar a sua vida, perdendo-se a si mesmo – mas deve obedecer a Deus. A obediência a Deus tem a primazia.

Aqui é importante ressaltar que se trata de obediência e que é precisamente a obediência que dá liberdade. O tempo moderno falou da libertação do homem, da sua plena autonomia, portanto também da libertação da obediência de Deus. A obediência já não deveria existir, o homem é livre, é autónomo: nada mais. Mas esta autonomia é uma mentira: é uma mentira ontológica, porque o homem não existe por si mesmo, para si próprio, e é também uma mentira política e

prática, porque a colaboração, a partilha da liberdade é necessária. E se Deus não existe, se Deus não é uma instância acessível ao homem, só o consenso da maioria permanece como suprema instância. Por conseguinte, o consenso da maioria torna-se a última palavra à qual temos que obedecer. E este consenso – sabemos-lo da história do século passado – pode ser também um "consenso no mal".

Assim, vemos que a chamada autonomia não liberta verdadeiramente o homem. A obediência a Deus é a liberdade, porque é a verdade, é a instância que se põe diante de todas as instâncias humanas. Na história da humanidade, estas palavras de Pedro e de Sócrates são o verdadeiro farol da libertação do homem, que sabe ver Deus e, em nome de Deus, pode e deve obedecer, não tanto aos homens, mas a Ele, e assim libertar-se do positivismo da obediência humana. As ditaduras foram sempre contrárias a esta obediência a Deus. A ditadura nazista, como a marxista, não podem aceitar um Deus que esteja acima do poder ideológico; e a liberdade dos mártires, que reconhecem Deus precisamente na obediência ao poder divino, é sempre o gesto de libertação mediante o qual nos é conferida a liberdade de Cristo.

Hoje, graças a Deus, não vivemos sob ditaduras, mas existem formas subtis de ditadura: um conformismo que se torna obrigatório, pensar como todos pensam, agir como todos agem, e as subtis agressões contra a Igreja, ou até as menos subtis, demonstram que este conformismo pode realmente ser uma verdadeira ditadura. Para nós vale isto: deve-se obedecer mais a Deus do que aos homens. Mas isto supõe que conheçamos verdadeiramente a Deus e que deveras desejemos obedecer-lhe. Deus não é um pretexto para a própria vontade, mas é realmente Ele quem nos chama e nos convida, se for necessário, até ao martírio. Por isso, confrontados com esta palavra que dá início a uma nova história de liberdade no mundo, oremos sobretudo para conhecer Deus, para conhecer humilde e verdadeiramente Deus e, conhecendo a Deus, para aprender a verdadeira obediência que é o fundamento da liberdade humana.

Escolhamos uma segunda palavra da primeira Leitura: São Pedro diz que Deus elevou Cristo à sua direita como chefe e salvador (cf. v. 31). Chefe é tradução do termo grego *archegos*, que implica uma visão muito mais dinâmica: *archegos* é aquele que indica a estrada, que precede, é um movimento, um movimento rumo ao outro. Deus elevou-o à sua direita portanto, falar de Cristo como *archegos* quer dizer que Cristo caminha diante de nós, que nos precede e nos mostra o caminho. E estar em comunhão com Cristo é estar a caminho, subir com Cristo, é seguimento de Cristo, é esta elevação, é seguir o *archegos*, Aquele que já passou, que nos precede e nos indica o caminho.

Evidentemente, aqui é importante que se nos diga aonde Cristo chega e aonde também nós devemos chegar: *hypsosen* – nas alturas – subir à direita do Pai. Seguimento de Cristo é apenas imitação das suas virtudes, não é só viver neste mundo, na medida do que nos é possível, mas é um caminho que tem uma meta. E a meta é a direita do Pai. Há este caminho de Jesus, este seguimento de Jesus que termina à direita do Pai. Ao horizonte de tal seguimento pertence todo o

caminho de Jesus, também a chegada à direita do Pai.

Neste sentido, a meta deste caminho é a vida eterna à direita do Pai, em comunhão com Cristo. Hoje, nós temos muitas vezes um pouco de medo de falar da vida eterna. Falamos das coisas que são úteis para o mundo, mostramos que o Cristianismo ajuda a melhorar o mundo, mas não ousamos dizer que a sua meta é a vida eterna e que de tal meta derivam depois os critérios da vida. Temos que compreender de novo que o Cristianismo permanece um "fragmento", se não pensarmos nesta meta, que queremos seguir o *archegos* à altura de Deus, à glória do Filho que nos faz filhos no Filho, e temos que reconhecer de novo que o Cristianismo revela todo o sentido só na grande perspectiva da vida eterna. Temos que ter a coragem, a alegria, a grande esperança que a vida eterna existe, é a verdadeira vida, e é desta vida autêntica que vem a luz que ilumina também este mundo.

Se se pode dizer que, mesmo prescindindo da vida eterna, do Céu prometido, é melhor viver segundo os critérios cristãos, porque viver segundo a verdade e o amor, apesar das numerosas perseguições, é em si mesmo um bem e é melhor que tudo o resto, é precisamente esta vontade de viver segundo a verdade e em conformidade com o amor que deve abrir também a toda a vastidão do desígnio de Deus para nós, à coragem de ter já a alegria na expectativa da vida eterna, da elevação seguindo o nosso *archegos*. E *Soter* é o Salvador, que nos salva da ignorância, procura as últimas coisas. O Salvador salva-nos da solidão, salva-nos de um vazio que permanece na vida sem a eternidade, salva-nos conferindo-nos o amor na sua plenitude. Ele é o guia. Cristo, o *archegos*, salva-nos dando-nos a luz, concedendo-nos a verdade, dando-nos o amor de Deus.

Além disso, reflectamos ainda sobre um versículo: Cristo, o Salvador, concedeu a Israel conversão e perdão dos pecados (v. 31) – no texto grego, o termo é *metanoia* – deu penitência e perdão dos pecados. Para mim, esta é uma observação muito importante: a penitência é uma graça. Há uma tendência na exegese, que diz: Jesus na Galileia teria anunciado uma graça sem condições, absolutamente incondicionada, portanto também sem penitência, graça como tal, sem condições humanas. mas esta é uma falsa interpretação da graça. A penitência é graça; é uma graça que nós reconheçamos o nosso pecado, é uma graça que saibamos que temos necessidade de renovação, de mudança, de uma transformação do nosso ser. Penitência, poder fazer penitência, é um dom da graça. E devo dizer que nós, cristãos, também nos últimos tempos, muitas vezes evitamos a palavra penitência porque nos parecia demasiado árdua. Agora, sob os ataques do mundo que nos falam dos nossos pecados, vemos que poder fazer penitência é uma graça. E vemos que é necessário fazer penitência, ou seja, reconhecer aquilo que está errado na nossa vida, abrir-se ao perdão, preparar-se para o perdão, deixar-se transformar. A dor da penitência, isto é, da purificação, da transformação, esta dor é graça, porque é renovação, é obra da misericórdia divina. E assim estas duas coisas que São Pedro diz – penitência e perdão – correspondem ao início da pregação de Jesus: *metanoete*, ou seja, convertei-vos (cf. *Mc* 1, 15). Portanto, este é o ponto fundamental: a *metanoia* não é algo particular, que pareceria substituída

pela graça, mas a *metanoia* é a vinda da graça que nos transforma.

E finalmente uma palavra do Evangelho, onde nos é dito que quem acreditar terá a vida eterna (cf. *Jo* 3, 36). Na fé, nestes "transformar-se" que a penitência concede, nesta conversão, neste novo caminho de vida, chegamos à vida, à vida autêntica. E aqui vêm-me à mente mais dois textos. Na "Oração sacerdotal", o Senhor diz: esta é a vida, conhecer a ti e ao teu consagrado (cf. *Jo* 17, 3). Conhecer o essencial, conhecer a Pessoa decisiva, conhecer Deus e o seu Enviado é vida, vida e conhecimento, conhecimento de realidades que são a vida. E o outro texto é a resposta do Senhor aos Saduceus acerca da Ressurreição onde, dos livros de Moisés, o Senhor prova o acontecimento da Ressurreição, dizendo: Deus é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob (cf. *Mt* 22, 31-32; *Mc* 12, 26-27; *Lc* 20, 37-38). Deus não é Deus dos mortos. Se Deus é Deus destes, eles estão vivos. Quem está inscrito no nome de Deus, participa na vida de Deus, vive. E assim, crer significa estar inscrito no nome de Deus. E assim estamos vivos. Quem pertence ao nome de Deus não é um morto, pertence ao Deus vivo. Neste sentido, deveríamos compreender o dinamismo da fé, que é um inscrever o nosso nome no nome de Deus, e deste modo entrar na vida.

Oremos ao Senhor para que isto aconteça e que com a nossa vida realmente conheçamos a Deus, para que o nosso nome entre no nome de Deus e a nossa existência se torne verdadeira vida: vida eterna, amor e verdade.

© Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana